

Paramítcha katar ê kalinka

O Tambor que Guardava Todas as Memórias



POR KALINKA KRISTON

AUTORIA: KALINKA KRISTON

INSPIRAÇÃO: MEMÓRIA DOS POVOS ROMA E SINTI,
RESISTÊNCIA INVISÍVEL E O TAMBOR QUE NUNCA SE CALOU

APOIO: UNB - URBAN NÔMADES BRASIL; IRU SOUTH -
INTERNACIONAL ROMANI UNION AMERICA LATINA

TRADUÇÃO: MICHEL KRISTON

ILUSTRAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO: VIVIAN GHEORGHIEV

REVISÃO E ORGANIZAÇÃO EDITORIAL: VIVIAN GHEORGHIEV;
SANDRA CANDIDO TEODORO

PUBLICAÇÃO: INDEPENDENTE

ANO: 2025

SUMÁRIO

03. **PREFÁCIO**

04. **DEDICATÓRIA**

05. **INTRODUÇÃO**

06. **CAPÍTULO 1: MEMÓRIA**

O BOTÃO AZUL QUE GUARDAVA CAMINHOS

12. **CAPÍTULO 2: DOR**

O LENÇO QUE SABIA O NOME DA DOR
AS EXPERIÊNCIAS CRUÉIS

24. **CAPÍTULO 3: ESPERANÇA**

O NATAL QUE NÃO TINHA PRESENTE
O ANO NOVO QUE NASCEU DA CINZAS
CONTO EM ROMANI

38. **CAPÍTULO 4: RESISTÊNCIA**

A CANÇÃO QUE CRUZOU FRONTEIRAS
O DIA EM QUE O TAMBOR FALOU NÃO

48. **CAPÍTULO 5: FINAL**

EU VI. EU LEMBRO.

53. **EPÍLOGO**

O TAMBOR QUE GUARDAVA TODAS AS MEMÓRIAS

57. **POSFÁCIO REFLEXIVO**

LEMBRAR É RESISTIR

60. **REFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS E BIBLIOGRÁFICAS**

P R E F Á C I O

ESTE LIVRETO NASCE COMO TESTEMUNHO E COMO ESTRADA. É MEMÓRIA QUE INSISTE EM FLORESCER, MESMO QUANDO O MUNDO TENTOU APAGAR. É VOZ QUE ATRAVESSA GERAÇÕES, LEMBRANDO QUE O SAMUDARIPEN NÃO PODE SER ESQUECIDO. CADA PÁGINA É FEITA DE DOR E ESPERANÇA, DE SILÊNCIO E RESISTÊNCIA. CADA SÍMBOLO — O TAMBOR, O BOTÃO AZUL, O LENÇO BORDADO — GUARDA HISTÓRIAS QUE AINDA ECOAM. ESTE LIVRO NÃO É APENAS LEMBRANÇA. É COMPROMISSO. COMPROMISSO COM A DIGNIDADE. COMPROMISSO COM A VIDA. COMPROMISSO COM A MEMÓRIA.

NOTA DE ESTILO E RITMO: ESTE LIVRETO É NARRADO EM PRIMEIRA PESSOA, PELA VOZ DE KALINKA. O ESTILO É POÉTICO E SIMBÓLICO, COM RITMO SUAVE E EMOCIONAL. A LINGUAGEM É ACESSÍVEL E LÍRICA, MARCADA POR METÁFORAS E IMAGENS SENSÍVEIS. CADA CAPÍTULO É BREVE, MAS INTENSO, COMO BATIDAS DE TAMBOR QUE ECOAM MEMÓRIA E RESISTÊNCIA. O TEXTO ALTERNA ENTRE HISTÓRIA E POESIA, ENTRE DOR E ESPERANÇA, ENTRE SILÊNCIO E MÚSICA. ASSIM, O RITMO DO LIVRETO NÃO É APENAS LITERÁRIO: É O RITMO DA MEMÓRIA, O RITMO DA ESTRADA, O RITMO DA VIDA QUE INSISTE EM FLORESCER.

D E D I C A T Ó R I A

ESTE LIVRETO É DEDICADO ÀS CRIANÇAS ROMA E SINTI
QUE NÃO VOLTARAM DOS CAMPOS. É DEDICADO ÀS MÃES
QUE INVENTARAM NATAIS INVISÍVEIS E ANOS NOVOS DE

CINZA. É DEDICADO AOS PAIS QUE GUARDARAM
CORAGEM MESMO QUANDO O MUNDO DIZIA “NÃO”. É
DEDICADO AOS AVÓS QUE CARREGARAM HISTÓRIAS NAS
ESTRADAS E AS ESCONDERAM NOS BOLSOS. É DEDICADO
AO TAMBOR QUE NUNCA SE CALOU, AO BOTÃO AZUL QUE
GUARDAVA CAMINHOS, AO LENÇO QUE SABIA O NOME DA
DOR, À CANÇÃO QUE CRUZOU FRONTEIRAS, AO NATAL
INVISÍVEL E AO ANO NOVO DA CINZA. É DEDICADO À
MEMÓRIA QUE RESISTE, À ESPERANÇA QUE INSISTE, À
CORAGEM QUE PERSISTE.

E É DEDICADO A VOCÊ, LEITOR, QUE ABRE ESTAS
PÁGINAS.

QUE CADA PALAVRA SEJA SEMENTE.

QUE CADA CONTO SEJA ESTRADA.

QUE CADA BATIDA SEJA LEMBRANÇA.

PORQUE EU SOU KALINKA.

E EU VI.

E EU LEMBRO.

INTRODUÇÃO

Introdução Histórica

O Samudaripen/ Barô Mudaripen – O genocídio dos povos Roma e Sinti. Entre 1939 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, os povos Roma e Sinti conhecidos popularmente como “ciganos” foram perseguidos e exterminados pelo regime nazista. Esse genocídio é chamado de Samudaripen (em romani, “assassinato em massa”), Barô Mudaripen (em Romani grande matança) ou Porrájmós (“devoração”). Estima-se que cerca de 500 mil Roma e Sinti foram mortos em campos de concentração, execuções em massa, trabalhos forçados e experimentos médicos. Crianças, mulheres e idosos foram alvos diretos da violência.



Imagens: Vítimas Roma e Sinti em campos de concentração

CAPÍTULO 01

O Botão Azul que Guardava Caminhos

Eu sou Kalinka. E este é o conto do botão que nunca se perdeu.

Mamãe Anna tinha um botão azul. Não estava costurado em roupa alguma. Guardava-o no bolso, como quem guarda um segredo precioso. O botão era pequeno, gasto, mas brilhava quando a luz do sol conseguia atravessar as cercas. Ela dizia: “Este botão sabe o caminho de casa.”

Nós, crianças, acreditávamos. Porque no campo, onde tudo era cinza e frio, qualquer cor era esperança. O azul do botão era como um pedaço de céu escondido.



À noite, quando o vento cortava e os guardas gritavam, Mamãe segurava o botão e nos contava histórias. Dizia que ele vinha de uma roupa antiga, de uma feira cheia de música, de uma viagem feita em liberdade. Cada detalhe era como uma chama acesa dentro do barracão.

Nós, crianças, acreditávamos. Porque no campo, onde tudo era cinza e frio, qualquer cor era esperança. O azul do botão era como um pedaço de céu escondido.



O Caminho Invisível

No campo, não havia mapas. As estradas estavam fechadas por cercas, os portões guardados por armas. Mas o botão azul era diferente. Ele não obedecia aos guardas, não se curvava ao frio, não se calava diante da fome.

Mamãe dizia:

“Enquanto este botão existir, vocês nunca estarão perdidos.”

E nós acreditávamos. Fechávamos os olhos e seguíamos o botão. Ele nos levava pela estrada de terra, pela feira cheia de cores, pela fogueira acesa no meio da noite. Cada batida do coração era um passo. Cada suspiro era uma curva.



Mesmo quando os corpos caíam de fraqueza, mesmo quando o silêncio pesava, o botão azul nos lembrava que havia caminho. Que havia casa. Que havia futuro.

O botão era mapa invisível. Não mostrava direções no papel, mas mostrava direções na alma.



A Memória que Não se Apaga

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não viram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Lembro do botão azul que guardava caminhos. Lembro das noites em que ele nos levou para longe das cercas, mesmo sem sair do lugar. Lembro das mãos de Mamãe, firmes, segurando esperança dentro de um bolso gasto.

O botão não era feito de tecido. Era feito de coragem. De ternura. De tudo o que o campo tentou apagar e não conseguiu.



Hoje, quando fecho os olhos, ainda sinto o botão azul. Ele me leva pela estrada invisível, pela feira cheia de cores, pela fogueira acesa no meio da noite. Ele me leva para casa.

E se você escutar com o coração, talvez encontre também. O botão azul. O caminho invisível. A estrada que ainda brilha.



CAPÍTULO 02

O LENÇO QUE SABIA O NOME DA DOR

Eu sou Kalinka. E este é o conto do lenço que chorava junto. Mamãe Anna tinha um lenço bordado. Não era bonito nem novo. O tecido estava gasto, as linhas desbotadas. Mas cada ponto era uma lágrima, cada bordado era uma história.

Mamãe Anna tinha um lenço bordado. Não era bonito nem novo. O tecido estava gasto, as linhas desbotadas. Mas cada ponto era uma lágrima, cada bordado era uma história.



Quando uma criança chorava, Mamãe não apenas enxugava o rosto. Ela dizia:

“Agora sua dor tem nome. E quem tem nome não desaparece.”

O lenço guardava cada lágrima como quem guarda sementes. E nós acreditávamos que, um dia, aquelas sementes floresceriam em liberdade.

No campo, onde tudo era cinza, o lenço era a única coisa que tinha cor. Mesmo desbotado, parecia carregar dentro de si o vermelho da vida, o azul da esperança, o dourado da memória.



O LENÇO NO BARRACÃO

As noites eram longas. O frio entrava pelos ossos, a fome queimava o estômago vazio. Crianças caíam de fraqueza, mães tentavam esconder o desespero.

Mamãe Anna tirava o lenço do bolso e o abria como quem abre um livro. Cada bordado era uma palavra silenciosa. Cada linha era uma oração sem altar.

Quando uma criança adoecia, ela passava o lenço na testa e dizia:

“Este lenço sabe o nome da sua dor.

E quem tem nome não se perde.”



Nós acreditávamos. Porque no campo, onde tudo era feito para apagar identidades, o lenço devolvia nomes. Ele dizia que éramos alguém, que não éramos apenas números tatuados, que não éramos apenas sombras.

O lenço era resistência. Não lutava com armas, mas com memória. Não enfrentava com força, mas com ternura.



O LENÇO QUE SOBREVIVEU

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não viram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Lembro do lenço que sabia o nome da dor. Lembro das
noites em que ele enxugava lágrimas e devolvia
identidade. Lembro das mãos de Mamãe, firmes,
bordando esperança em tecido gasto.



O lenço ficou velho, rasgado, mas nunca se perdeu.
Porque a dor bordada nele era também resistência.
Hoje, quando fecho os olhos, ainda sinto o lenço. Ele
me toca o rosto e diz:
“Você tem nome. Você tem memória. Você não
desaparece.”

E se você escutar com o coração, talvez sinta também.
O lenço que sabe o nome da dor. O lenço que ainda
guarda lágrimas. O lenço que ainda resiste.



AS EXPERIÊNCIAS CRUÉIS

Eu sou Kalinka. E este é o conto da dor que não se esquece. No campo, havia dias em que os guardas vinham buscar crianças. Não para brincar, não para estudar, mas para entregar aos médicos da SS.

Entre eles estava Josef Mengele, chamado de “Anjo da Morte”.

Ele sorria, escolhia gêmeos, escolhia crianças Roma e Sinti. Dizia que queria estudar a herança, a raça, o sangue. Mas o que fazia não era ciência. Era crueldade.



Nós víamos nossos amigos sendo levados. Alguns voltavam diferentes, fracos, doentes. Muitos não voltavam nunca mais. O tambor guardava também esses silêncios.



O CORPO COMO EXPERIÊNCIA

As crianças recebiam injeções nos olhos, para tentar mudar sua cor. Muitas ficaram cegas.

Outras eram submetidas a transfusões de sangue entre irmãos, até que febres e dores as consumiam.

Algumas eram unidas por cirurgias, como se fossem gêmeos siameses forçados. Morriam em poucos dias, vítimas de infecção.

Outras eram infectadas de propósito com doenças, apenas para observar o sofrimento.



Mamães choravam em silêncio. Não havia como proteger. Não havia como fugir. O campo era uma prisão sem saída.

O tambor, escondido, guardava cada grito, cada lágrima, cada ausência. Guardava também a coragem das crianças que, mesmo diante da dor, ainda tentavam sorrir umas para as outras.



A MEMÓRIA DA DOR

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não viram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Lembro das crianças Roma e Sinti levadas para
experiências cruéis. Lembro dos olhos que perderam a
luz, dos corpos que não voltaram, das mães que
ficaram com braços vazios.



O tambor guardou tudo. Não apenas a música das feiras, não apenas as danças das fogueiras, mas também a dor dos barracões.

Hoje, quando fecho os olhos, ainda escuto o tambor. Ele bate devagar, pesado, como quem carrega uma memória difícil. Mas bate. Porque mesmo a dor precisa ser lembrada.

E se você escutar com o coração, talvez escute também. O tambor que guarda a dor. O tambor que ainda resiste. O tambor que nunca se calou.

CAPÍTULO 03

O NATAL QUE NÃO TINHA PRESENTE

Eu sou Kalinka. E este é o conto do Natal que não se esquece.

No campo, o dia 24 de dezembro não era diferente dos outros. O frio entrava pelos ossos, a fome queimava o estômago vazio, e os guardas gritavam ordens que não deixavam espaço para sonhos. Não havia árvore, nem vela, nem pão. Apenas barracões gelados e filas intermináveis.



As mães, mesmo exaustas, diziam: “Hoje é Natal.”
E nós, crianças, perguntávamos: “O que é Natal?”
Elas respondiam: “É o dia em que o mundo deveria
lembrar da esperança.

”Mas esperança era difícil quando os corpos caíam de
fraqueza, quando o pão era uma migalha disputada,
quando o frio parecia não acabar. Ainda assim, elas
inventavam.

Um pedaço de batata escondida virava banquete.

Um canto murmurado virava oração.

Um abraço apertado virava presente.

Do outro lado das cercas, os soldados celebravam. Tinham mesas cheias, vinho, carne, doces. Árvores decoradas com símbolos do Reich, músicas sem Cristo, discursos sobre poder. O contraste era cruel: enquanto nós tremíamos de frio, eles brindavam.

Mamãe Linna nos olhou e disse:
“Eles podem encher suas mesas, podem mudar as músicas, podem mudar os símbolos. Mas não podem apagar o que carregamos dentro.”



As mães, mesmo exaustas, diziam: “Hoje é Natal.”
E nós, crianças, perguntávamos: “O que é Natal?”
Elas respondiam: “É o dia em que o mundo deveria
lembrar da esperança.

”Mas esperança era difícil quando os corpos caíam de
fraqueza, quando o pão era uma migalha disputada,
quando o frio parecia não acabar. Ainda assim, elas
inventavam.

Um pedaço de batata escondida virava banquete.

Um canto murmurado virava oração.

Um abraço apertado virava presente.



Naquela noite, nós fechamos os olhos. Não havia estrela no céu, só fumaça. Mas dentro de nós, uma luz pequena insistia em brilhar. Era o nosso Natal. Sem presentes, sem festa, mas com coragem.

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam. Que não viram. Que não era tão grave.

Porque o Natal nos campos não tinha alegria, mas tinha resistência. Não tinha mesa farta, mas tinha mães que inventavam esperança. Não tinha presentes, mas tinha crianças que, mesmo no frio e na fome, aprenderam a guardar a memória.

E se você escutar com o coração, talvez celebre também. O Natal que nasceu da dor, mas que ainda brilha.

O ANO NOVO QUE NASCEU DA CINZAS

Eu sou Kalinka. E este é o conto do Ano Novo que não tinha relógio.

No campo, os dias se confundiam. Não havia calendário, não havia festa, não havia contagem. O tempo era apenas frio, fome e espera.

Mas naquela noite, as mães disseram: “Hoje o mundo vira a página.” E nós, crianças, perguntamos: “Como pode virar, se o livro está queimado?”

Elas responderam: “Porque mesmo na cinza, ainda pode nascer uma chama.”



Então inventamos o nosso Ano Novo.
Um pedaço de carvão virou fogueira.
Um fio de palha virou estrela cadente.
Um sorriso escondido virou promessa.

Enquanto os soldados brindavam com copos cheios,
nós brindávamos com silêncio. Eles celebravam
vitórias, nós celebrávamos sobrevivência.

Mamãe Anna nos olhou e disse:

“O Ano Novo não está nos brindes. Está no coração que
insiste em bater.”

Naquela noite, eu fechei os olhos e vi uma estrada.
Longa, livre, sem cercas. Cada passo era um dia novo.
Cada respiração era um começo.

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não viram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Porque o Ano Novo que nasceu da cinza não era feito
de fogos. Era feito de coragem. De ternura. De tudo o
que o campo tentou apagar — e não conseguiu.

E se você escutar com o coração, talvez caminhe
também. Pela estrada invisível. Pelo Ano Novo que
ainda nasce.



CONTO EM ROMANI

Me sim e Kalinka. Thai kadiá si lê krechunoski historia kai tchi bisterdiol. Ando kimpò, o 24. Decembro nas diferentno katar aver djês. O shil delas andre ande kokala, ê bokh phabarelas o stomako, thai lê Jandária tsipinas òrdine save na mukhenas vriama tchi te avelamen sune.

Nai sas sentchi, nais sas tchi iekh momelí, tchi iekh kotor manro. Numa shudre barakuriá thai bi goreske linie genengo. E deia, vi te sas tchine, sá phenenas: “Adjês si o Kretchuno.”

Thai amen, e shave, pushas amen: “So si o Kretchuno?” Von atùntchi phenenas: “Si o djês kana e lumia trubul te na bistrel e sperànsa.”

Numa que e esperansa nas vushoro kana lê gene
perenas perenas ande tchanguede dukhatar thai
bokhatar, kana marepans pala iekh kotor manrro, kana
o tato dikhelas pes bi agor. Akana, von inventisarde.

Iekh garavdo kotor kolompiri kerdilas bari patchiv.

Iekh murmuncime gili kerdiovas barô rudimos.

Iekh buka kerdiovas e mai bari podarka.

Pe aver rig katar lê kanrrune sirimi, le ketani kerenas
bari veselía. Sas len stolura pherde haben, molía, but
mass thaj guglimata. Le kashta dekorime e Reich
simbolentsar, muzika bi Kristoski, vorbimata pala e
zor. O kontrasto sas zuralo: kana amen sdrassas
shilestar, von hanas, penas ai querenas bari gulianía.

E mama Linna dikhlas pe amende thai phendas:

"Von shai te pheren peske scafidjá, shai te paruvén e muzika, shai te paruvén e simboluria. Numa von nashti te ankalaven so amen ninkeras andre ando guindo thai ando ilô."

Kodia riat, phandadam amare iakha. Na sas cherhaja ando tchêri, numa thuv. Samo cai andre ande amende, iekh tikno luso insistirisardas te strefial. Sas amaro Krechuno. Bi podaskako, bi veseliako, numa zorasa.

Pala o maripe but phende ke tchi djanenas. Ke von tchi dikhle so nakhelas. Ke kado nas kade seriozno. Numa me sem ê Kalinka. Thai dikhlem. Thai serav man.

"O NEVO BERSH SAVO USHTILAS KATAR O PRAHO"

Soske o Krechuno ano kimpuriá nas les baht nas les veselia, numa que sas zor thai resistantzia. Nasas lê skafidiá pherde, numa sas la deia save inventinas ê resistantzia. Na sas la podarkuriá, numa sas lê shave save, vi ando shiel thai ande bokh, sitchile te garaven ande memoria.

Thai te ashunes tire ilesa, shij vi tu te keres festivitate. O krechuno savo biandilo katar e dukh, numa inke stefial. Me sem i Kalinka. Thai kado si e historia pa o nevo bersh kai nassales tchaso.

Ando kimpó, lê djessa djingl. Nai sas ni iekh kalendari, tchi iekh veselía, Sas numa o shil ê bokh, thai ajukeripen. Numa kodiá riat, e deia phende: "Avdive i lumi sí te parrudiol si te boldel e knishka."

Thai amen, e shave, pushlam: “Sar shai te parrudiol kana phabarel pes i knishka?”

Von dine atùntchi: “Sostar vi ando angar vusharado, shai avel iag telal.” Akana amen inkerdam amaro Nevo Bersh. Iekh kotor angar kerdilo bari iag. Iekh garado assamos kerdilo lav.

Jipuni lê ketani tchokeinas, marenas le tahtaiá e pherde moliassa, amen tostisaras e tchutchimasa. Von festuinas e viktorie, amen festuinas o traio.

E mami Anna dikhlia amen thaj phenda: "O Nevo Bersh nai ande tahtaia kai maren ande veselia kai keren. Si ando ilo kai tchi terdioll te marel."

Kodiá riat, phandadem murre iakha thai dikhlem iekh drom. Lungo, slobodo, bi sirmengo. Sako paso sas iekh nevo djes. Sako suno sas iekh kezdipe sako haburo sas iek nevo traio.

Thaj te ashunes tire ilesa, shai vi tu te keres festivitete. O nevo bersh savo biandiol katar e dukh, numa savo inke strefial.



CAPÍTULO 04

A CANÇÃO QUE CRUZOU FRONTEIRAS

O Nascimento da Canção

Eu sou Kalinka. E este é o conto da canção que nunca soube parar.

Ela nasceu muito antes de mim, em terras distantes. Alguns diziam que veio da Índia, outros que nasceu nas estradas da Europa. Mas todos sabiam que era filha da liberdade.

A canção não tinha dono. Passava de boca em boca, de feira em feira, de fogueira em fogueira. Cada família acrescentava uma palavra, cada criança inventava um ritmo, cada estrada lhe dava um novo nome.

Quando os povos Roma e Sinti viajavam, a canção ia junto. Cruzava fronteiras sem passaporte, sem documentos, sem medo. Onde havia perseguição, ela se escondia. Onde havia festa, ela dançava. Onde havia dor, ela consolava.

A CANÇÃO NO CAMPO

No campo de concentração, a canção parecia ter desaparecido. Os guardas gritavam, os barracões eram frios, o silêncio pesava. Mas à noite, quando tudo parecia perdido, alguém murmurava baixinho.

Era a canção. Fraca, tímida, quase invisível. Mas estava lá.

Nós, crianças, aprendíamos a cantar sem abrir a boca. Apenas com o coração. Cada nota era uma lembrança da estrada. Cada verso era uma promessa de liberdade.

Mamãe dizia:

“Eles podem nos prender. Podem nos separar. Podem nos calar. Mas não podem prender a canção.”

E nós acreditávamos. Porque a canção não precisava de instrumentos, não precisava de palco, não precisava de permissão. Bastava existir.



A CANÇÃO QUE SOBREVIVEU

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não ouviram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Lembro da canção que cruzava fronteiras. Lembro das
noites em que ela atravessava cercas e muros, mesmo
sem som. Lembro das mães que a murmuravam para
embalar crianças famintas.

A canção não era feita de notas. Era feita de coragem.
De ternura. De tudo o que o campo tentou apagar e
não conseguiu.

Hoje, quando fecho os olhos, ainda escuto a canção.
Ela me leva pelas estradas invisíveis, pelas feiras
cheias de cores, pelas fogueiras acesas no meio da
noite. Ela me leva para casa.

E se você escutar com o coração, talvez escute
também. A canção que cruzou fronteiras. A canção que
ainda resiste. A canção que nunca soube parar.



O DIA EM QUE O TAMBOR FALOU NÃO

Eu sou Kalinka. E este é o conto do tambor que respondeu. Timo era meu amigo. Pequeno como eu, mas com olhos que brilhavam como brasas escondidas. Ele tinha um tambor. Não era grande, não era bonito. Era feito de madeira gasta e pele fina, mas guardava dentro de si todas as estradas que já havíamos percorrido.

No campo, o tambor era proibido. Os guardas não queriam música, não queriam lembrança, não queriam esperança. Mas Honra não se importava. À noite, quando o silêncio pesava, ele batia baixinho. Cada batida era como um coração que insistia em viver.

Mamãe dizia:

“Esse tambor não é apenas instrumento. É voz. É memória. É coragem.”

E nós acreditávamos.

O MANDATO DO SILÊNCIO

Um dia, os guardas ouviram. Entraram no barracão, gritaram, ameaçaram. Mandaram Hinta parar. Mas Hinta olhou para nós, olhou para o tambor, e bateu mais forte.

O som ecoou pelo barracão como um trovão escondido. Os guardas gritaram: “Silêncio!”

Mas o tambor respondeu: “Não.”



Cada batida era uma palavra invisível.

Não ao medo.

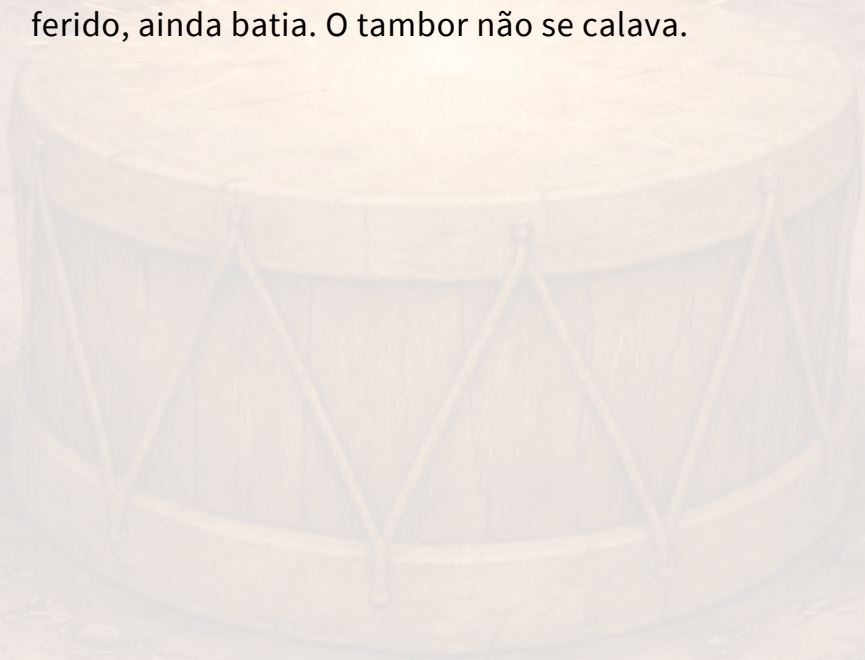
Não à fome.

Não ao esquecimento

Nós, crianças, sentimos o chão tremer. Não era apenas som.

Era resistência. Era liberdade que nascia dentro das cercas. .

Os guardas bateram em Hintá, tentaram arrancar o tambor. Mas ele segurou firme. Mesmo caído, mesmo ferido, ainda batia. O tambor não se calava.



A BATIDA QUE SOBREVIVEU

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não ouviram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Lembro do dia em que o tambor falou “Não”.
Lembro da coragem de Hintá, pequeno, enfrentando
gigantes com batidas invisíveis.
Lembro do som que ecoou mais alto que os gritos dos
guardas.



O tambor não era feito apenas de madeira e pele. Era feito de resistência. De ternura. De tudo o que o campo tentou apagar — e não conseguiu.

Hoje, quando fecho os olhos, ainda escuto o tambor. Ele bate devagar, firme, como quem carrega uma memória difícil. Mas bate. Porque mesmo a dor precisa ser lembrada.

E se você escutar com o coração, talvez escute também.

O tambor que disse “Não”.

O tambor que ainda resiste.

O tambor que nunca se calou.



CAPÍTULO 05

EU VI, EU LEMBRO

Eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

Vi o tambor que guardava todas as memórias.

Vi o botão azul que mostrava caminhos invisíveis.

Vi o lenço que sabia o nome da dor.

Vi a canção que cruzava fronteiras.

Vi o Natal invisível e o Ano Novo da cinza.

Cada objeto, cada gesto, cada batida era resistência
contra o esquecimento.

O campo tentou apagar nossas histórias, mas não
conseguiu.

Porque a memória não se apaga com fogo, nem com
frio, nem com silêncio.

A memória vive no coração, e o coração bate como
tambor.



Símbolos de Coragem

O tambor, o botão, o lenço, a canção, o Natal invisível e o Ano Novo da cinza não eram apenas lembranças. Eram símbolos.

- O tambor dizia que ainda havia voz.
- O botão azul dizia que ainda havia caminho.
- O lenço dizia que ainda havia identidade.
- A canção dizia que ainda havia liberdade.
- O Natal invisível dizia que ainda havia esperança.
- O Ano Novo da cinza dizia que ainda havia futuro.



Esses símbolos não eram feitos de madeira, tecido ou notas musicais. Eram feitos de coragem. De ternura. De tudo o que o campo tentou apagar — e não conseguiu.

Mamães e crianças criaram mundos invisíveis dentro dos barracões. Mundos que não podiam ser destruídos. Mundos que ainda vivem.

A Estrada que Ainda Brilha

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.

Que não viram. Que não era tão grave.

Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.



Hoje, quando fecho os olhos, ainda escuto o tambor.
Ainda sinto o botão azul no bolso.
Ainda vejo o lenço bordado de lágrimas.
Ainda escuto a canção murmurada baixinho.
Ainda celebro o Natal invisível e o Ano Novo da cinza.
Essas histórias não são apenas do passado. São
sementes para o futuro.
São lembranças que nos dizem: nunca mais.
São memórias que nos pedem: não esquecer.



E se você escutar com o coração, talvez celebre também.

Celebre a memória invisível.

Celebre a esperança invisível.

Celebre a resistência invisível.

Celebre tudo o que ainda brilha.

Porque eu sou Kalinka.

E eu vi.

E eu lembro.



EPÍLOGO

TAMBOR QUE GUARDAVA TODAS AS MEMÓRIAS

Eu sou Kalinka. E este é o conto do tambor que nunca se calou.

O tambor nasceu no Pequeno Egito, quando nossos ancestrais chegaram à Europa com roupas coloridas e pele escura. Chamaram-nos de “egípcios”, “heathens”, “zigeuners”. Não sabiam que nossa língua vinha da Índia, nem que nossa música vinha da estrada. O tambor guardava tudo: cada feira, cada dança, cada viagem.

Mas o tempo mudou. Reis e autoridades começaram a desconfiar. Rasgaram as cartas do Imperador Sigismundo. Mandaram expulsar. Mandaram caçar. Muitos desapareceram. Outros se esconderam. Outros cruzaram oceanos. O tambor guardava também o medo.

No século XIX, vieram os “funileiros húngaros”, vindos da Romênia, onde a escravidão cigana havia acabado. Trouxeram arte e esperança. Mas ainda eram vistos como estrangeiros indesejados. O tambor guardava a coragem.

No século XX, nossos pais eram negociantes de cavalos, artistas, músicos. Tinham passaportes, cidadania. Mas ainda eram chamados de “problema”. E então veio a guerra. O tambor guardava o silêncio.

Nos campos de concentração, o tambor estava escondido. No Natal, não havia árvore, nem pão, nem vela. Apenas frio e fome. Mas as mães inventavam: um pedaço de batata virava banquete, um sopro virava vela, um abraço virava presente. Fora das cercas, os soldados brindavam com mesas cheias e árvores decoradas com suásticas. O tambor guardava o contraste.

No Ano Novo, não havia fogos, nem relógio, nem festa. Apenas barracões gelados e filas intermináveis. Mas as mães diziam: “Hoje o mundo vira a página.” E nós inventávamos: um carvão virava fogueira, um sorriso escondido virava promessa. Fora das cercas, os soldados brindavam vitórias. O tambor guardava a esperança.

E havia também os experimentos cruéis. Crianças Roma e Sinti eram levadas por Josef Mengele. Recebiam injeções nos olhos para mudar a cor. Eram unidas por cirurgias para virar gêmeos siameses. Recebiam sangue um do outro. Eram infectadas de propósito. Muitas não voltavam. O tambor guardava a dor.

A Igreja, com seus sinos, muitas vezes se calou. Alguns padres e freiras salvaram crianças escondendo-as em conventos. Mas a instituição não denunciou. O tambor guardava o silêncio dos sinos.

Depois da guerra, muitos disseram que não sabiam.
Que não viram. Que não era tão grave.
Mas eu sou Kalinka. E eu vi. E eu lembro.

O tambor guardou tudo: a memória, a dor, a
esperança, a resistência. Guardou o que o campo
tentou apagar — e não conseguiu.



P O S F Á C I O R E F L E X I V O

O livreto de Kalinka não é apenas uma coleção de histórias. É um testemunho.

Cada conto — o tambor, o botão, o lenço, a canção, o Natal invisível e o Ano Novo da cinza — é uma ponte entre passado e futuro.

Essas páginas não falam apenas de dor. Falam de coragem. Não falam apenas de silêncio. Falam de resistência. Não falam apenas de morte. Falam de vida que insiste em florescer.

A Memória como Semente

O Samudaripen/Barô Mudaripen, o genocídio dos povos Roma e Sinti, tentou apagar uma cultura inteira. Mas a memória sobreviveu.

Sobreviveu nos objetos simples, nos gestos invisíveis, nas histórias murmuradas.

Hoje, lembrar é semear.

Cada palavra contada por Kalinka é uma semente que germina contra o esquecimento.

Cada batida do tambor é raiz que se firma contra o preconceito.

Cada lágrima bordada no lenço é flor que se abre contra a indiferença. O Chamado ao Presente
O mundo ainda carrega preconceitos. Ainda há muros, ainda há cercas, ainda há exclusões.

Por isso, os contos de Kalinka não pertencem apenas ao passado.

Eles nos chamam ao presente. Eles nos dizem: não repetir. Eles nos pedem: não calar.

Eles nos lembram: não esquecer.

A Estrada que Continua

Eu sou Kalinka.

E eu vi. E eu lembro.

Mas agora, quem lê também vê. Quem lê também lembra Quem lê também carrega o tambor, o botão, o lenço, a canção, o Natal invisível e o Ano Novo da cinza.

A estrada que ainda brilha não termina aqui.
Ela continua em cada gesto de solidariedade, em cada palavra de justiça, em cada memória preservada.

Que este livreto seja não apenas lembrança, mas compromisso.

Compromisso com a dignidade.

Compromisso com a vida.

Compromisso com a memória.

KALINKA KRISTON



REFERÊNCIAS INSTITUCIONAIS E BIBLIOGRÁFICAS

- Conselho da Europa (Council of Europe). Roma Genocide Remembrance Day. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/roma-and-travellers/roma-genocide-remembrance-day>
- Parlamento Europeu (European Parliament). Roma Holocaust Memorial Day – Remembering the victims of the Porrajmos. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/society/20200731STO85804/roma-holocaust-memorial-day-remembering-the-victims-of-the-porrajmos>
- Nações Unidas (United Nations). Roma Genocide – Holocaust Remembrance. Disponível em: <https://www.un.org/en/holocaustremembrance/roma-genocide>
- RomArchive. Roma Memory and Culture – Holocaust Section. Disponível em: <https://www.romarchive.eu/en/holocaust/>
- Wikipedia. Roma Holocaust Memorial Day. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/RomaHolocaustMemorialDay>

Arquivos e Documentos Históricos

- Arquivo do Conselho Central dos Sinti e Roma da Alemanha – Documentos e testemunhos sobre o genocídio.
- Yad Vashem – The World Holocaust Remembrance Center – Registros sobre perseguições contra Roma e Sinti.
- United States Holocaust Memorial Museum (USHMM)
- Arquivos digitais e testemunhos de sobreviventes.
- RomArchive – Arquivo Digital da Cultura Roma – Seção dedicada ao Holocausto (Samudaripen).
- Arquivo Histórico da ONU – Documentos sobre deportações e ordens oficiais de 1942.
- Biblioteca Digital Europeia (Europeana) – Fotografias e registros oficiais da época.